

A política cultural Nietzscheana e a Europa do futuro: Estudos de para além de bem e mal

Oclécio das Chagas Lacerda

Doutor em Filosofia

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: ocleciolacerda@gmail.com

RESUMO

Em *Para além de bem e mal*, Nietzsche assume como tarefa preparar o caminho para o advento de um tipo mais elevado de cultura para Europa. O que exige um trabalho genealógico capaz de levar às origens desta nova cultura, cujo acesso é muito raro, por ser um tipo oposto à fraqueza cultural generalizada em todo o continente europeu. A identificação de tais origens requer um olhar diferenciado sobre a Europa moderna, que leve em consideração a psicologia e a fisiologia. A partir desta nova postura investigativa é possível executar o trabalho de cultivo de certos elementos culturais raros, quase extintos e de difícil proliferação que ainda possuem uma vida subterrânea, mesmo nas regiões onde mais se prolifera a cultura predominante na Europa. Nietzsche se refere, em especial, à França, berço da cultura fraca e degenerada, mas predominante, pois tem como valores fundamentais a compaixão cristã e a igualdade democrática.

Palavras-chave: Cultura. Europa. Força. Fraqueza.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de uma política cultural na filosofia de Nietzsche, em *Para além de bem e mal*, remete a uma análise preliminar sobre a maneira como a concepção de cultura foi construída na Alemanha e na França, entre os séculos XVIII e XIX. Para os alemães do século XVIII, o termo “cultura” [*Kultur*] significou, inicialmente, um processo de cultivo da natureza por seres humanos, diretamente associado ao trabalho da terra, isto é, à atividade agrícola. Somente no sentido figurativo é que se aplicava às coisas do espírito, mas sempre no plano de energia produtora, específica e determinada.

No século XIX, “cultura” se tornou, na Alemanha, a palavra-chave, principalmente a partir da proclamação unitária do império. Neste período, “*kultur*” passou a ser relacionada com a ideia de “cultura pessoal”, de cultivo da mente e do espírito, representada pelo termo “*Bildung*”. Depois, gradativamente, foi utilizada nos círculos alemães cultos em seu sentido mais geral, como síntese de todas as realizações do homem civilizado na sociedade. Cultura passou então a significar a soberania do espírito cultivado e senhor das técnicas, o que alcançou grande apoio popular, funcionando como uma arma política de aliciamento intelectual, com um sentido de reação e de batalha antilatina a anticatólica.

Na França, diferentemente do contexto alemão, cultura sempre foi basicamente *culture de l'esprit*, enquanto “*civilization*”. Termo que representava a totalidade das criações e arranjos sociais e intelectuais do homem. No século XIX, falava-se na França de civilização (*civilité* ou *civilisation*) e na Alemanha de



cultura (*kultur*). Com estas concepções tinha-se em mente um quadro de referência geral que levava em conta o desenvolvimento da humanidade ou de determinadas sociedades, de um estágio menos para um mais avançado. Deste modo, quando *civilization* e *kultur* foram estabelecidos na França e na Alemanha, uma cadeia fascinante de associações levou os intelectuais alemães a verem uma antítese entre os dois conceitos. Para o burguês alemão, os hábitos franceses eram frívolos ou francamente maléficos. Grande parte desta emergente consciência de classe – e de nação – assumiu a forma de indignação moral, dirigida contra os cortesãos e nobres afrancesados.

Pode-se dizer ainda que, no significado do termo alemão “*kultur*”, estava implícito uma predisposição não-política, e até mesmo antipolítica, sintomática do frequente sentimento entre as elites da classe média alemã de que a política e os assuntos de Estado representavam a área de sua humilhação e de falta de liberdade. Para muitos membros da classe média alemã intelectualizados, cultura representava afastamento e liberdade das pressões insatisfatórias de um Estado que os outorgava a posição de cidadãos de segunda classe, em comparação com a nobreza privilegiada, negando acesso às posições de liderança no Estado, às responsabilidades, ao poder e aos prestígios associados a essas posições. Ao retirar a cultura para um domínio não-político, os intelectuais de classe média conseguiram manter uma atitude de reserva, com frequência eminentemente crítica em relação à vida social existente sem se envolverem em qualquer tipo de oposição ativa ao próprio regime.

Nietzsche é adepto, em determinada perspectiva, da crítica alemã à cultura francesa, pois considera que a cultura predominante na Europa moderna é constituída principalmente pelos elementos que compõem a *civilization* francesa. Segundo Nietzsche (1992), a civilização francesa se proliferou em todo o continente, transformando o europeu em um ser fraco e degenerado. E, fraqueza e degeneração são justificadas por meio de um processo, que direciona suas causas contra o próprio homem, promovendo uma intervenção repressiva de seus instintos. Neste sentido, cultura seria então enfraquecer, amansar, domesticar, transformar a fera em animal doméstico. Com esse processo, os “bárbaros” se “humanizaram” e se tornaram os prisioneiros e as vítimas de sua própria criação, se transformando no contrário de si mesmos, abrindo espaço para novos bárbaros.

Nietzsche vê os elementos dessa nova barbárie na *kultur* alemã, tal como ela se estabeleceu no século XVIII, enquanto cultivo da espécie humana. O filósofo realiza então uma “genealogia da cultura” para assim alcançar o problema do homem e sua tentativa de autossuperação. A partir desta experiência é possível realizar uma “genealogia da alma”, segundo a qual, a crueldade, a sexualidade, a agressividade, o desejo de posse, a sede de vingança e seus derivados serão sintetizados pelos componentes culturais, de modo a se transformarem num conjunto de sistemas psíquicos estruturados e organizados, sem haver, para tanto, qualquer tipo de repressão instintiva.



2 O ENFRAQUECIMENTO CULTURAL DA EUROPA E A VIRADA DE PERSPECTIVA

A crítica de Nietzsche, em *Para além de bem e mal*, tem como alvo principal a cultura predominante na Europa de seu tempo. Para o filósofo alemão, apesar de haver um otimismo generalizado, proveniente da crença positivista no progresso da humanidade e na política democrática, a Europa está contaminada por uma fraqueza que se manifesta em todos os europeus¹. Os valores morais veiculados pela filosofia dogmática e a religiosidade cristã, mesmo negados pelos protagonistas de uma Europa científicista e igualitária, os chamados europeus das “ideias modernas”, continuam dominantes em todo continente.

Os europeus das “ideias modernas”, principais representantes da cultura predominante na Europa moderna, são homens fracos e degenerados. Eles se autointitulam os porta-vozes da Europa do futuro, os eruditos, defensores da ciência, da moralidade, da liberdade e da igualdade. Suas “ideias modernas” foram inicialmente divulgadas na Europa com a Revolução Francesa. E se expandiram ainda mais no continente quando difundidas pelo movimento político predominante na época, o movimento democrático.

Para Nietzsche, o movimento democrático é uma interpretação moderna do movimento cristão, que está a serviço do processo milenar de nivelamento e diminuição do homem europeu. Este processo é justificado, enfeitado ou dissimulado pelas “ideias modernas”. Com elas, a cultura assume condições extremas de fraqueza, ao diminuir e nivelar um grande número de pessoas. Tal nivelamento e diminuição é resultado de um longo processo histórico de transmissão, de geração para geração, dos valores morais, a ponto de se tornarem os valores cardinais de todos os europeus, o que promoveu mudanças de caráter fisiológico. Pois, segundo Nietzsche (1992, p.180): “Não se pode extinguir da alma de um homem o que seus ancestrais fizeram com maior prazer ou maior constância”

Utilizando-se de um procedimento genealógico, Nietzsche busca a proveniência histórica e fisiológica deste enfraquecimento. Segundo o filósofo alemão, a fraqueza da cultura europeia se inicia com o florescimento da filosofia platônica. E, os principais eventos históricos que prolongam e generalizam este enfraquecimento são: o surgimento da filosofia dogmática, a ascensão do cristianismo e o florescimento da democracia. Tais eventos são expressões do enfraquecimento do indivíduo, que por um longo tempo foi coagido a negar seus instintos mais fortes. Não houve cultivo, mas coerção, o que possibilitou maior florescimento dos instintos mais fracos, dominando assim a consciência do homem europeu moderno.

A filosofia dogmática e a religiosidade cristã, no momento em que assimilam como valores cardinais, os valores morais, se tornam os principais responsáveis por esta espécie de coerção. O cristianismo e sua

¹ São diversas as publicações sobre a concepção filosófica que Nietzsche desenvolveu em relação à Europa de seu tempo. Porém, as chaves de leitura utilizadas pelos comentadores são diferentes. Patrick Wotling, por exemplo, em seu livro *Nietzsche e o problema da civilização*, afirma que a cultura é o problema central da filosofia de Nietzsche, mas seu objetivo é evidenciar o aspecto fisiológico desta cultura. Gérald Alvoët, em *Nietzsche et l'Europe: "Nous autres, bons européens"*, reconhece que o “problema Europa” é, acima de tudo, um problema cultural, entretanto, seu estudo tem como fio condutor a ideia nietzschiana do “bom europeu”. Ao contrário destes pesquisadores, minha proposta é abordar o problema da crítica e do projeto nietzschiano de superação, em *Para além de bem e mal*, tendo como chave de leitura a cultura europeia, tal como ela se apresenta na modernidade.



“prolongada sujeição do espírito”, fez com que o pensamento do homem europeu seguisse uma “diretriz eclesiástica ou cortesã ou com pressupostos aristotélicos”. Esta nova direção que tomou o pensamento do europeu promoveu uma dura e violenta coerção do que há de mais forte no espírito. Exemplo disso, afirma Nietzsche (1992, 90): “justamente no período mais cristão da Europa, e apenas sob a pressão de juízos de valor cristãos, o impulso sexual foi sublimado em amor (*amour-passion*)”.

A coerção dos impulsos mais fortes promoveu, segundo Nietzsche, uma fraqueza da vontade, que se manifesta quando a força atuante no indivíduo é impedida de se expandir, devido a pressão exercida pelos valores morais, próprios da cultura predominante na Europa. De acordo com o filósofo alemão, a vontade presente no ser humano é uma pluralidade de sensações, de pensamentos e afetos, que deriva de uma condição ainda mais básica, pertencente ao mundo inorgânico, a vontade de potência. E, a fluidez da vontade de potência pode ser forte e intensa ou perder a sua força e se enfraquecer. E, de acordo com a crítica nietzschiana, foi exatamente isto que ocorreu com a cultura europeia, pois a vontade de potência, ao se ramificar e atingir a condição orgânica, onde é possível a cultura, acabou criando valores secundários, os valores morais, fundamentados na obediência e não no comando. E, com a ajuda da religião, da filosofia, de alguns movimentos artísticos e da política, acabaram se tornando predominantes na Europa, pressionando ainda mais a vontade a atingir uma condição sempre mais enfraquecida.

Diante da pressão exercida pelos valores morais predominantes, a vontade de potência não consegue se expandir e acaba se exaurindo, se diluindo. Nesta condição de diluição e exaurimento, o homem se torna incapaz de suportar sua própria responsabilidade, perdendo, com isso, o domínio sobre suas virtudes mais fortes. A perda desse domínio acaba facilitando com que tais virtudes sejam negadas e caluniadas como más. Com isso, outras virtudes passam a ser louvadas e justificadas, aquelas que negam qualquer manifestação de força. Deste modo, as virtudes que se tornaram predominantes na cultura europeia são estas que negam a vontade e valorizam a fraqueza, como ressalta Nietzsche (1992, 119): “Hoje o gosto e a virtude do tempo enfraquecem e diluem a vontade, nada é tão atual como a fraqueza da vontade”.

A consciência da condição de fraqueza e degeneração em que vive o europeu moderno pode indicar o início do fortalecimento e elevação da Europa. Ao tomar consciência de seu estado de vida, este homem começa a sofrer involuntariamente de um profundo desconforto, capaz de despertar um desejo de distanciamento do convívio com as outras pessoas. Nesta condição é possível o exercício da crítica que, ao atingir um grau elevado, chega a questionar o próprio valor da verdade. O que não deixa de ser algo muito perigoso, pois possibilita o reconhecimento da inverdade como algo necessário para a vida.

A sucessão da fraqueza para a força consiste em transformar toda náusea, sofrimento, fúria e solidão em crítica, o que somente pode ser alcançada com a ajuda do conhecimento filosófico. A partir desta crítica, alimentada pela filosofia, é possível resgatar tudo aquilo que foi negado e caluniado pela cultura predominante. Essa filosofia, proposta por Nietzsche não é aquela herdeira da tradição socrático-platônica,



mas uma nova filosofia, que tem como princípio o impulso de comando. Assim, o exercício da crítica, auxiliado por uma nova filosofia, promove a mudança de perspectiva, o que possibilita a manifestação mais intensa de sentimentos e afetos considerados nocivos e perigosos pela cultura predominante. Esses afetos foram, por longo tempo, negados pela moral predominante na cultura europeia, a moral platônica-cristã, que valoriza a compaixão, o desinteresse e o altruísmo. Tal negação promoveu um acúmulo de força gerando, com isso, um tipo de tensão.

A tensão possibilita a superação da condição de fraqueza e degeneração, na medida em que pode indicar o caminho para uma vida além da moral predominante na cultura europeia. O que exige um resgate de valores opostos, por muito tempo negados. Deste resgate surge o confronto de valores. A tensão é fruto deste confronto. O que somente acontece em momentos raros na história, quando os valores dominantes se enfraquecem. Esta condição de tensão, capaz de levar a superação dos valores morais predominantes e, com isso, anunciar uma nova cultura para a Europa, teve até então um efeito contrário, reafirmou de forma ainda mais generalizada a velha moral. Quanto maior é o perigo, maior será a resposta dada por aqueles que estão ameaçados.

3 A UNIFICAÇÃO COMO SÍNTESE E O FORTALECIMENTO CULTURAL DA EUROPA

A cultura forte e elevada deve ser projetada numa perspectiva para além da oposição entre indivíduo e coletividade. De acordo com a filosofia de Nietzsche, essas duas dimensões não são opostas, mas apenas um marco definidor das criações humanas. A cultura manifestada pelo indivíduo seria então uma dimensão particular de uma instância mais geral, que agrupa todas as dimensões da vida humana. Mas como o europeu moderno ainda está preso a esta divisão, para ir além, precisa seguir a direção oposta da cultura predominante, a cultura de rebanho. Pois, na condição oposta é possível chegar ao extremo da perspectiva predominante, alcançando o estado de tensão e perigo, que permite ao europeu, por meio de sua consciência, realizar um determinado tipo de distanciamento. Somente desta forma as forças serão convertidas em algo elevado, abrindo, com isso, os horizontes para uma nova perspectiva, capaz de promover o fortalecimento cultural da Europa.

O distanciamento espiritual da vida coletiva pode levar o europeu moderno a um tipo de exercício que o capacita a misturar seus impulsos e realizar uma síntese capaz de elevar sua força ao extremo e promover uma superação de si mesmo. Esta síntese ocorre por meio de uma longa disciplina e exercício, realizados no isolamento. Pois, a solidão voluntária permite que a Europa seja vista a partir da perspectiva de uma hierarquia natural, segundo a qual a filosofia, a religião e a moral não são fins a serem alcançados, mas meios, instrumentos de luta para o fortalecimento da cultura europeia.



A perspectiva da hierarquia permite ver a cultura forte e elevada para a Europa como uma meta². E, para que esta meta não se torne apenas uma possibilidade, é preciso realizar a árdua e difícil tarefa, de preparar as condições necessárias para o florescimento desta nova cultura. A meta depende da realização da tarefa. Esta, por sua vez, surge a partir de uma “necessidade do espírito” e de um tipo de tensão, a “tensão do seu arco”. Em tal condição, de sofrimento e inquietude, o homem busca explorar outros caminhos ainda não explorados. Neste momento, se inicia o processo de autossuperação³ e, conseqüentemente, da virada de perspectiva.

A Europa vista por Nietzsche a partir de outra perspectiva possibilita ao filósofo empreender um novo procedimento capaz de resgatar os momentos de tensão entre os impulsos fortes e fracos para compreender como uma força é capaz de dominar a outra. Esta constatação permite um aprofundamento histórico⁴ e uma valorização do momento em que houve uma significativa manifestação de força na cultura europeia predominante. Tal procedimento é a genealogia, pela qual o europeu moderno alcança um sentido histórico capaz de fornecer uma visão livre e aprofundada, um tipo de sabedoria diferenciada daquela dos eruditos. Somente nesta condição é possível identificar o tipo de homem a ser cultivado, que vive em condições desvantajosas na Europa, cujo acesso é muito raro.

Com a identificação dos homens fortes que vivem em condições extremas é possível implementar um projeto de cultivo, que consiste, em fazer florescer as forças contrárias aos valores dominantes. O florescimento dessas forças, caluniadas como más pelos homens das “ideias modernas”, promoverá um conflito dentro do próprio europeu, levando-o a uma tensão extrema. Desta tensão, como um processo digestivo, surge a síntese. Para Nietzsche, esta síntese já pode ser vivenciada no processo de unificação entre as diversas nações europeias, que ocorre de forma bastante acentuada no período moderno, especialmente entre a França e a Alemanha⁵.

Na França, a cultura predominante assume condições extremas de fraqueza. Porém, é deste estado extremo que, de acordo com a filosofia de Nietzsche, deve florescer os elementos necessários para o advento

² Se Nietzsche definisse sua meta, ela se tornaria um fim em si, como um princípio teleológico, da mesma forma como pensam os filósofos dogmáticos, ou seja, sua filosofia acabaria permanecendo no registro dos preconceitos filosóficos. Por isso, a Europa do futuro se apresenta no registro da possibilidade.

³ A autossuperação ocorre na medida em que se toma consciência da condição de tensão, sofrimento e inquietude em que vivemos. É por meio da consciência que podemos conhecer nosso estado de vivência. Seu papel seria de deixar fluir os impulsos mais fortes e poderosos e não inibi-los. Entretanto, o que temos na Europa moderna é a inibição desses impulsos mais fortes, prevalecendo assim uma fraqueza generalizada.

⁴ Nietzsche exige um novo sentido para a história, e também um refazer a si mesmo. Com esta proposta, o filósofo alemão rejeita tanto a concepção jus naturalista de um retorno à natureza humana primitiva, assim como a positivista e, também, o afastamento cético. A cultura é a manifestação coletiva de um fenômeno mais singular composto pela multiplicidade em conflitos dos impulsos que compõem o indivíduo. Por isso, a necessidade deste retorno a si, algo negado pela filosofia dogmática, que prefere se fixar em um fundamento ou sistema.

⁵ A unificação defendida por Nietzsche não é aquela que agrega e nivela, protagonizada pelos “homens das ideias modernas”, mas uma unificação cultural que sintetiza, para, logo em seguida, selecionar. A Europa do futuro é de natureza sintética, uma síntese supranacional, que não ocorre de uma só vez, mas depende de sínteses e superações sempre novas. Nietzsche vê a realização deste fenômeno cultural entre as diversas nações europeias, especialmente entre França e Alemanha.

da Europa do futuro. Um desses elementos é a melhor capacidade que o francês tem em absorver os povos estrangeiros. Entretanto, mesmo estando na França o maior foco de proliferação da fraqueza, que se generaliza por toda a Europa moderna, esta nação, segundo Nietzsche, ainda possui o título de superioridade cultural em relação as outras nações europeias. Este título deve não somente ao seu poder de absorção dos povos estrangeiros, como também pela sua capacidade artística e também pela sua complexa cultura moralista, proveniente de um longo processo de síntese, o que leva Nietzsche a afirmar (1992, p. 162): “Ainda agora a França é matriz da cultura mais espiritual e mais refinada da Europa, e elevada escola do gosto”.

A cultura francesa não possui elementos suficientes para o fortalecimento da cultura europeia. Falta ainda um elemento novo, capaz de romper definitivamente com a fraqueza cultural generalizada. Nietzsche encontra esse elemento na jovem nação alemã. A Alemanha, pela sua própria configuração, está mais propensa à barbárie⁶ do que qualquer outra nação europeia. Tal propensão é proveniente da superatividade, que se manifesta na alma do alemão moderno, como descreve Nietzsche (1992, p. 151): “A alma alemã é antes de tudo múltipla, de origem variada, mais composta e sobreposta que propriamente construída”.

Para Nietzsche, é possível encontrar com maior precisão esta tendência à barbárie na música alemã. A música de Wagner, por exemplo, é constituída de elementos bárbaros. Porém, tais elementos se manifestam, de maneira ainda bastante confusa, como desequilíbrio e mistura entre o novo e o antigo, entre os momentos de fluidez e os de hesitação. Embora possua, de forma velada, uma tendência a barbárie, a manifestação mais clara e generalizada da música wagneriana é o patriotismo, um tipo de movimento que, ao negar a possibilidade da síntese, propaga a cultura fraca e degenerada.

Em contraposição à música patriótica que se prolifera por toda a Europa moderna, Nietzsche busca os elementos necessários para o fortalecimento cultural do continente na música, que tenha uma função terapêutica, que seja capaz de direcionar a vida humana à sua condição natural, que não comprometa a saúde e nem corrompa o gosto. Este tipo de música somente é possível, afirma o filósofo alemão, quando for resultado de uma síntese entre Norte e Sul, tal qual a música de Bizet. Somente uma música supra europeia, como a de Bizet, possibilita o vislumbamento de uma nova perspectiva para o advento da Europa do futuro, em que a política deve se tornar uma arte, segundo a qual legislar seja efetivamente criar. Esta criação é aquela própria do deus Dionísio, o criador das linguagens simbólicas. A Europa do futuro seria então uma Europa dionisíaca.

4 O PERIGOSO CULTIVO DO EUROPEU DO FUTURO

A Europa do futuro pode ser experimentalmente antecipada por meio do cultivo das forças criadoras,

⁶ A barbárie é concebida por Nietzsche como aquela condição forte e nova, na qual é possível a passagem de uma cultura a outra. Ela possibilita a instituição da cultura elevada. O povo alemão ainda não vive na barbárie, mas na semibarbárie.



que se manifestam como ato de comando, em um tipo de europeu moderno que vive em condições desvantajosas. Este homem raro tem a capacidade de criar e instituir novos valores. Mas, para tanto, é preciso fazer com que suas ideias possam se desenvolver, mesmo em condições opostas aquelas “ideias modernas”, ou seja, tal desenvolvimento deve ser não na multidão, no grande número, na erudição, nas experiências bem sucedidas das ciências, mas no íntimo e solitário diálogo realizado no labirinto de sua própria alma⁷.

As ideias profundas, desenvolvidas em condições opostas, produzem um efeito no europeu moderno capaz de revelar sua verdadeira condição, de que vive numa época dominada por uma cultura fraca e degenerada. Esta condição gera sofrimento, como náusea, desilusão e excessos de fúria. E tais sentimentos alimentam uma tendência ao isolamento, no qual é grande a possibilidade de sucumbir, como afirma Nietzsche (1992, p. 190): “Quem tem os desejos de uma alma elevada e exclusiva e raramente encontra sua mesa posta, seu alimento pronto, estará sempre em grande perigo”.

O cultivo das forças criadoras é uma tarefa perigosa na medida em que exige o convívio com a cultura fraca e degenerada. Aquele que vive nesta condição, sofre de desorientação, com forte tendência para fugir desta responsabilidade, desses conhecimentos perigosos, capazes de revelar perspectivas perigosas, que valorizam os afetos mais fortes do homem e mais propícios à perda de controle, à barbárie. Por isso, o europeu moderno, capaz de preparar o caminho para a Europa do futuro, é um ser humano em extinção, difícil de ser encontrado, que não consegue se identificar com o seu próprio tempo. Ele está na contramão da história, é um tipo bem seletivo que, segundo Nietzsche (1992, p. 33): “procura instintivamente seu castelo e seu retiro, onde esteja *salvo* do grande número, da maioria, da multidão; onde possa esquecer a regra”.

O disfarce é o meio que o europeu, em difícil condição de desenvolvimento, utiliza para se refugiar em si próprio e manter o convívio com o grande número de pessoas. A máscara é a maneira pela qual este europeu de gosto elevado evita tornar evidente aos outros sua própria existência. Não existe neste homem aquela autoglorificação, própria do homem das “ideias modernas”. Ao contrário, a máscara disfarça a si próprio dos outros. Sua fala é a sua máscara. Ela esconde o que de fato é este tipo de homem. E, quando o europeu moderno, com força para promover o cultivo da Europa do futuro, não assume voluntariamente o sofrimento proveniente sua tarefa, mas se esquiva. Falta a este homem o conhecimento das profundezas de sua alma. Entretanto, mesmo com náusea, fúria, desilusão, no sofrimento e na solidão, este homem consegue compreender sua tarefa. A partir de então, seus esforços serão para intensificar sua força e assim promover a sucessão de um estado de vida que promove a fraqueza e degeneração, para outra condição em que viver

⁷ A concepção nietzschiana de alma é diferente daquela religiosa ou dos filósofos dogmáticos, que a entendem como uma, indivisível, imortal e superior às condições materiais, inclusive ao corpo humano. Para o filósofo alemão, a alma é uma estrutura composta da pluralidade de impulsos e afetos, quando manifestos no convívio social.



se confunde com a criação de novos valores, fortes e elevados.

O homem profundo, capaz de cultivar a Europa do futuro, deve ter a capacidade de suportar o perigo e o sofrimento que sua tarefa acarreta, uma vez que sua vida deve florescer em condições opostas a da maioria. O que possibilita o florescimento e manutenção deste tipo de vida é a elevação do consciência, por meio do conhecimento. Com a consciência elevada, o europeu moderno consegue vê tudo aquilo que agrada a maioria como algo supérfluo e sem valor. O instinto de conhecimento faz com que ele saia de seu castelo, do seu esconder-se em si mesmo e assim consiga, mesmo com muito sofrimento, suportar o peso do grande número de pessoas. Por isso Nietzsche (1992, p. 10) caracteriza o europeu do futuro como: “uma nova espécie de filósofo”, com “gosto e pendor diversos, contrários aos daqueles que até agora existiram”.

A diferença entre o novo filósofo⁸ e o já existente está na condição de seu surgimento. Para aquele, “a dureza e a astúcia” fornecem as “condições mais favoráveis”, ao contrário deste cujas condições de surgimento são a “suave, fina, complacente disposição, a arte de aceitar as coisas com leveza”. Outra característica do novo filósofo, que o faz diferente dos anteriores, é que ele não está “restrito ao filósofo que escreve livros – ou até mesmo faz livros da *sua* filosofia”. Mas, a principal característica do filósofo do futuro é a liberdade de espírito. Segundo Nietzsche (1992, p. 44): “Stendhal contribuiu com um último traço para a imagem do filósofo de espírito livre”.

O filósofo de espírito livre é aquele que possui uma vida independente, muito perigosa, por desbravar lugares arriscados e desconhecidos pela maioria, podendo sucumbir e desaparecer de forma anônima e isolada. Essa independência consiste no desligamento que deve ter em relação as outras pessoas, no desapego à pátria e também em relação ao sentimento de compaixão. E, ainda, este novo europeu deve ser independente de seu próprio conhecimento e de suas próprias virtudes, para não ser vítima de suas particularidades. Nietzsche vê em si mesmo o protótipo deste novo filósofo, capaz de conceber o ser humano de uma forma diferente e de buscar seu crescimento em lugares profundos e ainda não descobertos pelos estudiosos da humanidade.

Na condição oposta, o filósofo do futuro intensifica a sua força e leva ao extremo tudo aquilo que é perigoso. Nesta condição, o que é expressão de fraqueza se converte em força. Nietzsche (1992, p.165) cita alguns desses homens que conseguiram, em algum momento, intensificar sua força, mas sucumbiram diante da pressão exercida pela cultura europeia predominante: “Penso em homens como Napoleão, Beethoven, Stendhal, Heinrich Heine, Schopenhauer; não me reprovem se incluo também Richard Wagner entre eles”.

Para Nietzsche, esses homens os mais amplos e profundos, têm como tarefa preparar o caminho para

⁸ Nietzsche também denomina, em *Para além de bem e mal*, o homem de espírito livre, que suporta sua própria independência, de “bom europeu”. Para contrastar com o “homem bom”, um tipo unânime, defendido e elogiado pela moral predominante na cultura europeia. Neste convergem os cristãos, os filósofos dogmáticos, os eruditos, os democratas e os socialistas. Já o “bom europeu”, ao contrário, é aquele no qual há um grande acúmulo de força, que não permite se fixar a uma pátria, a um povo, a uma nação ou a uma pessoa. Uma espécie de homem supranacional, capaz de superar rapidamente o sentimento nacionalista.



uma nova síntese, capaz de antecipar o europeu do futuro. E, uma das expressões de sua força está na forma como eles superaram o sentimento nacionalista. Napoleão representa o tipo de homem que quer a unificação do continente europeu. A vontade napoleônica, contra a qual reagem os movimentos nacionalistas, tem a força capaz de tornar viril toda a Europa. Beethoven e Schopenhauer possuem a capacidade de produzir um pensamento e uma música para além dos alemães. Heine teria contribuído significativamente, com seu liberalismo e judaísmo, para um pensamento além da Europa. Assim como Stendhal, que não somente produziu um pensamento supraeuropeu, como também anunciou a nova psicologia requerida para o cultivo da Europa do futuro. Wagner se inclui entre estes por representar a passagem da Alemanha à Europa. A força desses homens se manifesta na sua produção artística que anuncia a unificação da Europa.

A grande preocupação de Nietzsche consiste em fazer com que estes homens de consciência elevada não degenerem e assim alcancem a condição de criar e legislar. Mas, para tanto, é preciso deixar fluir toda força acumulada pelo processo de florescimento da cultura predominante na Europa. Esta possibilidade se efetiva por meio da valorização das condições opostas a esta cultura predominante, isto é, com a promoção de uma inversão de valores. Garantido o florescimento do filósofo legislador, este terá como tarefa promover uma intervenção na cultura e se empenhar na criação de uma cultura elevada. E uma das atitudes a ser tomada é a construção de uma aristocracia ou casta de filósofos legisladores convocada para conduzir a Europa.

5 CONCLUSÃO

A ideia nietzschiana de uma nova Europa, una e forte, que deve surgir a partir do florescimento de um novo homem e, conseqüentemente, de uma nova cultura, pode contribuir para o melhoramento não somente da Europa, mas também dos países que estão sob sua influência, isto é, daqueles países que assimilaram a cultura ocidental, contaminada pelas “ideias modernas”. Sua proposta de superação do homem moderno não é aquela progressista ou humanista própria dos defensores da ciência. Mas consiste na valorização de aspectos indispensáveis para a vida, que até então foram negados e caluniados como se fossem nocivos ao ser humano. Nietzsche inaugura uma nova perspectiva para o fluxo da existência, segundo a qual, a fraqueza, o sofrimento, a solidão, os conflitos e tensões são indispensáveis para alcançar outra forma de vida.



REFERÊNCIAS

- ALVOËT, Gérald. Nietzsche et l'Europe: "Nous autres, bons européens". Paris: l'Harmattan, 2006.
- ANSELL – Pearson, Keith. Nietzsche como pensador político: uma introdução, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- BLONDEL, Eric. Nietzsche le corps et la culture. La philosophie comme généalogie philologique. Paris: philosophie d'aujourd'hui, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.
- D'IORIO, Paolo e MERLIO, Gilbert. Nietzsche et l'Europe. Paris: Éditions de la maison des sciences de l'homme, 2006.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Trad. de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.
- FREZZATTI Júnior, Wilson Antônio. A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia. Rio Grande do Sul: Editora UNIJUI, 2006.
- GOYARD-FABRE, Simone. Nietzsche et la question politique. Paris Editions Sirey, 1977.
- HÉBER – SUFFRIN, Pierre. Lecture de Par-delà bien et mal. Anciennes et nouvelles valeurs chez Nietzsche. Paris: Ellipses Edition Marketing. A., 1999.
- MÜLLER-Lauter, Wolfgang. Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009.
- MOLES, Abraham Antoine. Sociodinâmica da Cultura; Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo, Perspectiva, Editora da USP, 1974.
- NIETZSCHE, F. Além do Bem e do Mal . Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 1992.
- NOLTE, Ernst. Nietzsche, le champ de bataille. Preface D'Eduard Husson. Traduit de l'allemand par Fanny Husson. (Paris) Bartillat. Paris, 2000.
- RIDER, Jacques Le. Nietzsche en France de la fin du XIX siècle au temps présent. 1^a édition. Paris: PUF, 1999.
- RINGER, Fritz K. O Declínio dos mandarins alemães: A comunidade acadêmica alemã; Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SCHRIFT, Alan D. A disputa de Nietzsche: Nietzsche e as guerras culturais. In: Cadernos Nietzsche, São Paulo, n. 7, p. 03-26, 1999.
- SILVA JÚNIOR, Ivo da. Em busca de um lugar ao sol. Nietzsche e a cultura alemã. Ijuí/São Paulo: Editora da Unijuí/Discursos Editoriais, 2007.



TONGEREN, Paul Van. A moral da crítica de Nietzsche: Estudo sobre Para além de bem e mal. Paraná: Editora Champagnat, 2012.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. A grande política em Nietzsche. São Paulo, Annablume, 2006.

WOTLING, Patrick. Nietzsche e o problema da civilização. Trad. Vinícius de Andrade. São Paulo : Editora Barcarolla, 2013.